



EM DEFESA DA REVOLUÇÃO E DITADURA PROLETÁRIAS

MASSAS

ÓRGÃO QUINZENAL DA TENDÊNCIA PELO PARTIDO OPERÁRIO REVOLUCIONÁRIO
MEMBRO DO COMITÊ DE ENLACE PELA RECONSTRUÇÃO DA IV INTERNACIONAL
ANO X - Nº 159 - 1ª QUINZENA DE OUTUBRO DE 1998 - R\$ 1,00

O avanço da crise capitalista mundial arrasta o Brasil. O imperialismo pretende intervir impondo um acordo, que significará mais opressão nacional e social.

**Fora o FMI do Brasil!
Por uma Frente Única
Antiimperialista!**

**VOTO NULO NO PROGRAMA DO
Partido Operário Revolucionário**

Nenhum apoio aos partidos burgueses e reformistas!

Abaixo o plano antinacional e antipopular de FHC!

**Nenhum problema será resolvido pelo voto,
que é instrumento de enganação e preservação
da opressão social!**

**Por um governo operário e camponês,
que só pode vir pela revolução!**

Para anular seu voto, digite 00 e confirme!

60 anos da IV Internacional

Quinzena do Movimento Operário

Montadoras dão férias coletivas e adiam demissões em massa

A maioria das montadoras de automóveis do país está anunciando que dará férias coletivas ou licença remunerada aos operários neste início de setembro. Dizem que com as últimas medidas adotadas pelo governo, como aumento dos juros e IPI, é preciso fazer uma 'readequação ao mercado', pois estão com os pátios lotados de carros. A verdade é que o país está mergulhando cada vez mais em uma recessão, em função do agravamento da crise de superprodução mundial e as férias coletivas ou licença remunerada dos operários são apenas um preparação para as demissões em massa, e só não ocorreram de imediato porque a burguesia internacional tem interesse na reeleição de FHC, e um aumento brusco do desemprego às vésperas das eleições

es poderia atrapalhar esse objetivo. Enquanto isso, as direções sindicais negam-se a organizar a luta dos trabalhadores contra as demissões e priorizam o processo eleitoral, com a ilusão de que se os trabalhadores votarem nesse ou naquele candidato, sua vida mudará. É preciso combater essas posições das direções sindicais. É preciso organizar uma luta nacional para derrubar FHC e seu plano de fome. Contra as demissões : ESCALA MÓVEL DE SALÁRIOS.

Banqueiros demitem 200 mil e Sindicato protesta tirando fotos

A categoria dos bancários, que tem data-base em 1º de setembro, está em campanha salarial. Os principais eixos da campanha são : garantia no emprego, reajuste salarial de 7,7%, 14,8% de produtividade, ampliação do horário de atendimento nas agências, etc. Segundo o Sindicato, em quatro anos do plano Real, foram demitidos 200 mil trabalhadores. Enquanto a direção do Sindicato aplica a política de conciliação de classes, promovendo rodadas e mais rodadas de negociações com os banqueiros, negociando inclusive as demissões, realiza protestos pela cidade para denunciar os ataques dos banqueiros e do governo aos trabalhadores. O problema é que essas manifestações ad-

quirem nitidamente um caráter eleitoral, e as direções sindicais se negam a chamar a luta aberta contra os capitalistas, que implica utilizar os métodos da classe operária (greves, ocupações, etc), como única forma de arrancar dos capitalistas suas reivindicações mais elementares, e canalizam as lutas para as ilusões no parlamento burguês.

Motoristas param na Viação Vitória

Motoristas e cobradores da Viação Vitória pararam suas atividades por cinco horas, em protesto contra o não pagamento do FGTS e contra a decisão da empresa de descontar dos trabalhadores os valores que a empresa perde com assaltos. O sindicato da categoria, que deveria comparecer como organizador do movimento e impulsionar a luta, ficou dividido, com diretores que se colocaram contrários à manifestação contra os patrões. Isso mostra que os trabalhadores estão dispostos a lutar e que na maioria das vezes as direções burocratizadas se tornam um entrave dessas lutas. É preciso que o trabalhador expulsem de seu sindicato esses burocratas colaboradores dos patrões, que se encastelam no sindicato e trabalham para brechar as lutas da classe.

Nacional



Quinzena do Movimento Camponês

MST ocupa sede do Incra durante dez horas

Aproximadamente 500 integrantes do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra ocuparam no último dia 9 a sede estadual do Incra, em Higienópolis, Zona Oeste da Capital. O objetivo era entregar uma pauta de reivindicações ao Superintendente do Incra e exigir o imediato assentamento de famílias e liberação de verbas para o pagamento de desapropriações e para famílias já assentadas. Como os manifestantes não encontraram o representante do Incra,

fecharam o prédio com correntes e cadeados. Em Vitória, no Espírito Santo, e Natal, no Rio Grande do Norte, o MST também organizou ocupações de prédios do Incra. Em Fortaleza, CE, onde aproximadamente 600 manifestantes procuravam ocupar a Sede do Incra, houve confronto com a polícia.

MST intensifica saques e ocupações por todo o país

No Pontal do Paranapanema, interior de São Paulo, só no começo do mês de setembro foram ocupadas mais de 16 fazendas. No RS, 800 famílias ligadas ao MST ocuparam duas fazendas no último dia 5. Em MT, no último dia 9, 300 famílias ocuparam a Fazenda Porteira Velha, a 52 km de Cuiabá. Em Pernambuco, o movimento se armou e ocupou a Fazenda Brejinho, fizeram também saques a três ca-

minhões com mantimentos para abastecer os acampamentos, estão organizando também um dia de saques com ações simultâneas pelo Estado. No RN, 180 manifestantes saquearam um caminhão na Rodovia RN-118 e lavaram o alimento para o acampamento na fazenda Ubarana, em Ipanguaçu/RN. Os saques e as ocupações precisam ser intensificados, mas não podem se limitar a movimentos isolados, nem podem servir apenas para pressionar o governo a fazer assentamentos ou liberar verbas. É preciso que esses movimentos se generalizem por todo o país de forma organizada e se materializem em uma luta nacional pela expropriação geral dos latifúndios. É preciso entender também que a luta dos camponeses pela terra, e sua solução definitiva passa pela expropriação geral dos capitalistas e só poderá se materializar através construção da Aliança Operária e Camponesa.

Preparar a luta através da propaganda e agitação das bandeiras antiimperialistas e anticapitalistas Pela Frente Única Antiimperialista

A fuga de mais de 30 bilhões de dólares em dois meses é a demonstração de que os agiotes internacionais estão temerosos quanto à capacidade do governo manter o Plano Real e poder continuar pagando seus débitos. A dívida pública líquida de 339,9 bilhões de Reais chegou a um ponto perigoso. O quadro do endividamento interno e externo tende a se agravar mais ainda devido às altas taxas de juros. Estima-se que neste ano o governo teria de desembolsar a fantástica quantia de 67 bilhões de dólares para pagar juros e encargos. Os banqueiros avaliam que o Brasil já está inadimplente. Isso explica a debandada do capital especulativo, apesar do governo remunerá-lo a uma taxa mais alta do mundo.

Para que a quebra não venha abruptamente, o FMI ofereceu a velha "ajuda". Empréstimo alguns bilhões desde que o governo aplique um novo choque, mais poderoso ainda. Em que consiste? Aumentar impostos, cortar profundamente o orçamento, controlar as finanças dos estados e municípios, reduzindo-lhes a capacidade financeira, radicalizar a reforma da previdência, demitir funcionários, aprovar mudanças na legislação trabalhista para os capitalistas poderem demitir sem ter custos, eliminar o máximo de gastos sociais e colocar as finanças públicas sob o comando dos fiscais do FMI. O governo também deve se comprometer a manter a abertura de mercado, a penetração do capital internacional e acelerar as privatizações.

Como se vê, o remédio exigido pelo imperialismo arrebenta ainda mais a economia nacional e esmaga a vida dos trabalhadores. A alta taxa de desemprego dará um novo salto se a receita for aplicada. Tudo indica que o governo FHC se curvará mais uma

vez.

E o que tem feito a tal da oposição, liderada pela "União do Povo"? Apresentou alguns pontos alternativos, como disciplinar a entrada e saída do capital especulativo, voltar-se para o mercado interno favorecendo a pequena e média indústria, ajudando a agricultura com subsídios (baixa taxa de juros), implantando assentamentos e criando empregos.

Apesar de alguns setores do grande capital industrial mostrarem-se descontentes com os resultados da abertura de mercado e com a sobrevalorização do Real, a burguesia tem visto com escárnio o programa do PT para a crise. Isso porque tem ciência de que se trata de um plano irrealizável nas condições de crise geral do capitalismo. São medidas próprias da economia burguesa, mas que não podem ser eficazes frente à monumental desintegração mundial, que expressa a crise de superprodução, um processo deflacionário e destruição de forças produtivas.

A burguesia brasileira foi longe em suas posições servis ao imperialismo para poder recuar abruptamente para posições protecionistas ou semi-protecionistas. Terá de ir mais fundo em sua submissão, acompanhando o desenvolvimento da crise. Uma mudança de posição só ocorrerá frente a uma quebradeira sem precedente, enquanto isso continuará entregando parte das riquezas aos banqueiros internacionais. Assim, as propostas do PT comparecem na situação completamente inócuas.

O problema está em que o PT controla os sindicatos mais importantes através da CUT. Ao discipliná-los por detrás da estratégia pró-capitalista, amordaça-os frente aos ataques dos planos pró-imperialistas. Bloqueia a luta grevista. Impede a constituição

de uma frente única antiimperialista para combater nas ruas o governo e a burguesia entreguista.

Entretanto, o proletariado não poderá suportar indefinidamente o peso da crise. Terá de romper com a mordaza do reformismo petista e da burocracia sindical (oposicionista e oficialista). Logo passará a ressaca eleitoral e os explorados terão de enfrentar novos ataques do governo.

O trabalho revolucionário consiste em defender o programa antiimperialista e anticapitalista. Trabalhar fundo as reivindicações mais sentidas dos explorados, no sentido da organização dos movimentos. E combater em todos os aspectos a política oficialista e a do oposicionismo reformista. Trata-se da vanguarda militante, classista, preparar as condições para um ascenso de massas que poderá vir mais cedo do que podemos prever. O POR se coloca nessa perspectiva e mantém em pé a tarefa de organizar a frente única antiimperialista e anticapitalista, que como se vê não se subordina a nenhuma conjuntura eleitoral.

NACIONAL



ESCREVA PARA O JORNAL MASSAS

O JORNAL QUE DEFENDE A REVOLUÇÃO E A DITADURA DO PROLETARIADO

CAIXA POSTAL Nº 01171 - CEP 01059-970 - SÃO PAULO

NO NORTE E NORDESTE ESCREVA PARA

CAIXA POSTAL Nº 221 - FORTALEZA - CEARÁ - CEP 60001-970

CAIXA POSTAL Nº 2768 - CEP 59022-970 - NATAL - RN

ASSINATURAS: SEMESTRAL - R\$ 15,00 - FALE COM O DISTRIBUIDOR DESTE JORNAL

Crise das bolsas e luta revolucionária

Nestes últimos dias, mais uma tempestade varreu as principais bolsas de valores em nível mundial, que fecharam em queda: Londres (-3,29), Frankfurt (-5,82), Paris (-4,29), Tóquio (-0,61), Hong Kong (-0,70), Nova York (-3,17) (Diário do Nordeste, 11/09/98). Na Quinta-feira, a Bovespa fechou o pregão com 15,83% (idem). No Rio de Janeiro, a situação não foi diferente, a bolsa fechou em queda de 15,98% (idem).

Os meios de comunicação e os ideólogos da burguesia estão em pânico, falam em "tempestade global" ou "Quinta-feira negra". Pelo visto a tão propalada "nova ordem mundial" que representaria o "fim da história", segundo um tristemente famoso escriba do Departamento de Estado norte-americano, está demonstrando toda sua fragilidade. Tal desespero é fruto de uma classe decadente, a burguesia, que não pode compreender os fundamentos da crise sem expor o caráter histórico e superado do modo de produção capitalista.

Somente o marxismo, ciência e ideologia do proletariado, expresso nas obras de Marx, Engels, Lênin, Trotsky, entre outros revolucionários, e nas conquistas

programáticas das organizações operárias, como o Comitê de Enlace pela Reconstrução da Quarta Internacional (CERQUI), é capaz de compreender as leis do movimento da economia moderna e indicar os caminhos da revolução proletária.

No V Congresso do POR, em julho de 1997, dizia-se que, "um dos problemas que se avoluma perigosamente é o monumental excedente de capital financeiro parasitário" (Resolução Política, V Congresso do POR, p. 17) e, que:

"O desenvolvimento mais ou menos articulado e os interesses internacionais comuns se desequilibram. Uns terão de regredir em grande escala perante outros. Determinadas frações deverão sofrer o impacto de quebras maciças" (idem, p. 17).

De fato, a crise em curso não é "financeira". Suas raízes estão na crise histórica do modo de produção capitalista, que vem se mantendo às custas de grandes crises industriais, comerciais e financeiras. No passado produziu duas guerras mundiais. Hoje, implementa uma brutal ofensiva sobre as massas e os países semicoloniais para recompor as taxas de lucro e de crescimento das potências imperialistas, que sofreram uma queda depois da recessão de 1974-75.

"O sistema capitalista imperialista mundial considerado como um todo investe a uma taxa muito fraca; ele não coloca, portanto, bastante capital criador de valor e de mais-vaia em movimento. Ele não produz mais bastante valor e mais-valia para enfrentar as exigências às quais está confrontado. Quanto mais o sistema superexplora e pressiona, mais ele conhece a superprodução tendencial e mais ele sofre repetidamente os choques financeiros" (François Chesnais, Rumo a uma mu-

dança total dos parâmetros econômicos mundiais dos enfrentamentos políticos e sociais in Outubro, no 1, pp 18-19).

Em resumo, os meios utilizados para sair da crise pela burguesia mundial, seus Estados nacionais e suas organizações internacionais (FMI, OMC, ONU, etc.) são os mesmos que a provocaram. Isto é, mais especulação financeira, destruição de forças produtivas, centralização e concentração de capital, opressão nacional, desemprego, fome, miséria, obscurantismo e repressão à luta operário-popular.

Neste quadro, continuam mais atuais do que nunca as palavras do Programa de Transição:

"As condições objetivas necessárias para a revolução proletária não estão somente maduras, elas começam apodrecer. Sem uma revolução socialista no próximo período histórico, toda a humanidade está ameaçada de ser conduzida a uma catástrofe.

Tudo depende agora do proletariado, ou seja antes de mais nada, de sua vanguarda revolucionária. A crise histórica da humanidade se resume à crise de direção revolucionária".

A tarefa central para os revolucionários na próxima etapa da luta de classes deve ser a construção do Partido Operário Revolucionário no Brasil e a reconstrução da IV Internacional em nível mundial. Sem esta meta, todos os esforços de resistência aos ataques do imperialismo e da burguesia nacional serão infrutíferos. Pois, a resposta reformista acompanhará o movimento de cauda da burguesia, e os centristas se agarraram mais e mais nas vacilações do reformismo... e o capitalismo continuará apodrecendo e conduzindo a humanidade à barbárie.

PAULO BARBOSA 12/09/1998

A ideologia burguesa das igrejas evangélicas

O recente acidente com trabalhadores que freqüentavam um culto da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) merece uma reflexão por parte dos revolucionários, à luz do materialismo histórico e da política proletária, da função das "seitas evangélicas" que proliferam em nosso país.

O Brasil é a Segunda nação evangélica do mundo, só perdendo para os Estados Unidos. São aproximadamente 13 milhões de evangélicos, divididos entre igrejas históricas (Luterana,

Presbiteriana, Metodista, etc.), batistas, pentecostais e neopentecostais, das quais faz parte a Igreja Universal.

Crise e reacionarismo religioso

Diante da decadência do modo de produção capitalista, aprofunda-se a crise social. Fome, miséria, destruição do sistema público de saúde e educação, desemprego, atraso cultural, formam o ambiente propício para representações reacionárias. A crise da sociedade burguesa traz consigo insegurança, incerteza no futuro, angústia, aflição e desespero. A alienação econômica e social gera a alienação psicológica. Como disse Lênin, "a opressão econômica dos operários suscita e provoca inevitavelmente todo gênero de opressão política, de

humilhação social, de embrutecimento e embotamento da vida espiritual e moral das massas" (O socialismo e a religião).

O processo de acumulação capitalista com suas crises e mazelas, que arrasta o conjunto da sociedade, se torna, sob mil disfarces, em uma força poderosa e oculta. Para os milhões de trabalhadores, uma força do mal que fomenta o desemprego, o vício, a miséria, a desagregação familiar. Para os que lucram com o sofrimento dos explorados, é uma benção, sinal da graça de Deus.

Fundamentalismo evangélico e opressão política

É sobre este terreno, fértil em desgraças, que crescem as igrejas evangé-



licas. E como as idéias dominantes são as idéias das classes dominantes, as doutrinas evangélicas não ultrapassam o horizonte do capitalismo. Pelo contrário, justificam e defendem a exploração do homem pelo homem como uma ordem divina. Exemplo disso, são as "associações de homens de negócios do evangelho pleno", ou seja, de exploradores que dizem seguir a Bíblia

Baseados em uma concepção teológica da história, explicam a podridão capitalista como expressão de uma luta entre as "forças da trevas" e Deus, onde somente os eleitos terão prosperidade nesta vida e salvação na outra. Isto, quando Marx e Engels, há mais de cem anos, demonstraram que a história é um produto das ações humanas, e que só os explorados, tendo a frente o proletariado, poderão derrubar o capitalismo e construir uma sociedade sem classes nem exploração.

De fato, as instituições evangélicas, e a maioria esmagadora de seus dirigentes, estão a serviço da manutenção da exploração capitalista, da família patriarcal-burguesa, da opressão da mulher e do obscurantismo. Incentivam a passividade e a obediência à ordem capitalista, pregam a conciliação de classes, combatem a organização sindical, a ação direta dos explorados (greves, ocupações, passeatas, saques) e são inimigos jurados da luta pela Revolução Proletária. Pois, em última instância, defendem a ditadura de classe da burguesia, como revela este texto de formação da Assembléia de Deus, maior igreja pentecostal do Brasil-

"O povo brasileiro, principalmente o cristão, deve precaver-se diante do perigo de se enfeitiçar pelo canto de sereia do comunismo... Parte das soluções de nossos problemas sociais depende fundamentalmente do fortalecimento e aperfeiçoamento das instituições democráticas em nosso país... A democracia é preferível ao marxismo comunista..." (Seitas e heresias, um sinal dos tempos, Raimundo F. de Oliveira, 1ª Edição, CPDA, Rio de Janeiro-RJ, p. 181).

Traduzindo, os cristãos devem confiar nas "instituições democráticas" como o Congresso Nacional corrompido, a justiça corrupta e as eleições dominadas pelo poder econômico, que servem para manter o domínio do imperialismo (FMI, multinacionais) e da burguesia nacional, ao invés de confiar em suas próprias forças contra os exploradores.

Não é à toa o vínculo de inúmeras igrejas com organizações da direita norte-americana, que acobertam os interesses do imperialismo sob o manto de fundamentalismo cristão. A bancada evangélica, composta de 32 deputados federais, como os pastores Wagner Salustiano (PPB-SP) e Carlos Alberto Rodrigues (PFL-RJ), apoia as medidas, nada cristãs, do governo antinacional e antipopular de FHC. A cidade paulista de Osasco, onde ocorreu a tragédia com os trabalhadores evangélicos, desde os anos 70 é governada por prefeitos evangélicos, e possui altas taxas de desemprego e baixos índices de qualidade de

vida. Francisco Rossi (PDT), candidato evangélico ao governo de São Paulo, tem como doador de sua campanha Ageo Silva, vice-presidente do Bradesco, grupo econômico que lucra com a miséria de milhões, o qual é membro da mesma igreja.

Apesar de organizarem milhões de oprimidos e explorados, as igrejas evangélicas estão longe de cumprir um papel progressista na luta de classes atual, como cumpriu em seu tempo o cristianismo primitivo, a reforma protestante de Lutero e Calvino contra a Igreja Católica, os anabatistas nas revoltas camponesas alemãs contra o latifúndio feudal ou os "levellers" (niveladores) na Revolução Inglesa do século XVII.

Igreja Universal, agente da burguesia

Na verdade, não poucas instituições evangélicas são empreendimentos empresariais. A Igreja Universal, por exemplo, possui 79 canais de TV (Rede Record), entre emissoras e retransmissoras, 70 emissoras de rádio, uma revista bimestral (Plenitude), um jornal semanal com tiragem de 1 milhão de exemplares por edição (Folha Universal), além de 2.500 templos espalhados por 70 países. O seu faturamento, jamais declarado, é estimado em torno de 500 milhões de reais por ano. É tão descarada a corrupção, que a Receita Federal "descobriu um poderoso esquema de captação e evasão de divisas feito com o dinheiro recolhido nos cultos, que é isento de tributo" (Época, 14/09/98). Inúmeros bispos da Igreja Universal enriqueceram da noite para o dia, constatou-se que R\$ 33 milhões foram depositados nas contas desses bispos, vindos de empresas sediadas em paraísos fiscais" (idem). Por isso, a Igreja Universal apoiou Collor, FHC e outros políticos burgueses. A socialização das riquezas, para estes fariseus, só pode ser coisa do diabo.

Mas, de onde vêm tanto dinheiro? Com certeza não é dos céus.

É, dos aproximadamente 2 milhões de seguidores só no Brasil. Na sua grande maioria pobres, de baixa escolaridade e negros. Dos fiéis, 63% recebem até dois salários mínimos, 50% têm até quatro anos de estudos e 76% são negros ou pardos (idem). Esses trabalhadores vão aos templos da Igreja Universal em busca de emprego, saúde e conforto para seus problemas, que são negados pela sociedade burguesa em desagregação. Lá são embriagados com uma "aguardente espiritual" de péssima qualidade, que prega resignação e paciência, tirando-lhes o pouco que têm sob a forma de dízimo. O que é revelado nesta frase do Bispo Edir Macedo, líder da Igreja Universal, "a oferta que mais agrada a Deus é aquela dada com sacrifício".

Partido revolucionário e os evangélicos

O Partido Operário Revolucionário (POR), ainda embrionário no Brasil, baseia sua concepção de mundo no socia-

lismo científico, isto é, no marxismo. A filosofia do marxismo é o materialismo dialético, como inúmeras vezes declararam Marx, Engels, Lênin e Trotsky, logo incondicionalmente ateu e não-religioso. O POR combate todo o vínculo entre as classes exploradoras e as instituições religiosas, bem como busca organizar a mais ampla propaganda de divulgação científica, sempre evitando "cuidadosamente qualquer ofensa aos sentimentos dos crentes, que só leva a consolidar o fanatismo religioso" (Projeto de programa do PCB, Lênin).

Isso não significa nenhuma perseguição aos cristãos. Os marxistas consideram a religião como um assunto privado em relação ao Estado e defendem intransigentemente a liberdade de consciência, ou seja, a liberdade de crer ou não. Daí o POR ser contra qualquer forma de intolância religiosa que divida as fileiras das massas exploradas na sua luta contra a burguesia. A opressão social e política atinge o conjunto dos trabalhadores, sejam eles evangélicos, católicos, espíritas, umbandistas ou ateus. Aliás, são a maioria dos líderes religiosos, que vivem parasitariamente do dinheiro dos fiéis, que utilizam seus púlpitos para perseguir os revolucionários, defender a segregação religiosa e embelezar o capitalismo.

A ofensiva atual do imperialismo e da burguesia nacional contra a vida das massas exige unidade do conjunto dos explorados e oprimidos, através da tática da Frente Única Antiimperialista (FUA), para manter as conquistas e preparar a derrubada do capitalismo com a estratégia da Revolução e Ditadura Proletárias.

Por isso, o Partido Operário Revolucionário chama os trabalhadores religiosos em geral, e evangélicos em particular, a lutarem pelo socialismo e a romperem com os líderes que defendem a exploração do homem pelo homem.

PAULO BARBOSA
14/09/98

Nacional



Debate do candidato do PSTU

O POR compareceu ao debate do PSTU porque este teve um caráter "aberto". Certamente, questionou o programa defendido por José Maria no que há de mais essencial: a omissão total e completa da estratégia e do método revolucionário para se contrapor ao governo FHC e à burguesia. Pela via das eleições, não será possível "não pagar a dívida externa", pôr abaixo o plano FHC, estatizar os bancos etc, como apregoa o

PSTU em sua campanha.

É oportunismo esquerdista defender algumas bandeiras corretas frente à crise capitalista para fins puramente eleitorais. Um programa, ainda que parcial, deve estar acompanhado da estratégia da revolução e ditadura proletárias e dos métodos da luta de classes.

Um outro problema levantado pelo POR: o PSTU ao anunciar a defesa do voto em Lula no segundo turno, sustentado pela frente popular, simplesmente está renunciando defender sua própria candidatura no primeiro turno. O PSTU mostra-se assim incapaz de se opor ao reformismo justa-

mente quando tem a oportunidade de justificar sua saída da frente popular.

Se não combate a frente popular no momento em que esta ajuda o próprio governo FHC com sua política de prostração eleitoreira, então não há razão para o PSTU ter lançado candidaturas próprias. Teria de fazer como o PCO, que se mostra coerente até aqui com seu seguidismo à frente popular e ao reformismo.

Frente a tais questionamentos, é claro que José Maria iria dizer que aquele era um Ato só do PSTU e de seus apoiadores. E que não se tratava de discutir o programa.

PSTU na TV se nega a defender a violência revolucionária e a estratégia da ditadura do proletariado

O candidato do PSTU, José Maria, perdeu uma chance de ouro para defender posições revolucionárias, opostas ao eleitoralismo e toda sorte de hipocrisia burguesa. Perguntado por Juca Kfoury se defendia a revolução armada, José Maria enrolou dizendo que os movimentos é

que sofriam a violência do Estado. Acusou a violência reacionária da burguesia mas omitiu sua posição a favor ou contra a violência revolucionária.

Em seguida, o jornalista indagou se era contra o partido único, a ditadura do proletariado. José Maria esboçou um não mirrado e logo desconversou. Deixou de mostrar que a ditadura do proletariado não tem nada a ver com a autocracia do partido único do stalinismo. Resultado:

não fez a defesa da ditadura do proletariado.

É diante de situação como essa que o centrismo mostra seu estranhamento a posições marxistas (leninista-trotskistas). Diz que é doutrinarismo, sectarismo, a propaganda sistemática do objetivo estratégico e do método de luta. Assim, atua nas eleições procurando convencer os explorados da possibilidade de um governo revolucionário saído das urnas.

O PSTU e o segundo turno

Seria perda de tempo pedir coerência para uma corrente centrista. Mas não falta a pergunta: Se o PSTU decidiu apoiar Lula no segundo turno por que não o fez logo no primeiro? Com certeza, a direção do PSTU responderia que é uma questão tática. Não podemos negar que a tática é muito importante. Mas que tática é essa?

O PSTU diz que de-

cidou lançar candidaturas próprias porque a coligação com Brizola impossibilitou uma frente dos trabalhadores. Reconheceu assim que se trata de uma frente burguesa, embora seu oportunismo o impeça de dizer as coisas pelo seu nome.

Por si só, essa crítica mostra sua incoerência, uma vez que não foi com a entrada de Brizola que a frente popular anterior se descaracterizou. Antes já tinha contraído aliança com o partido de Miguel Arraes, que o PSTU considera corretamente como de latifundiários pernambucanos. Entretanto, essa composição burgue-

sa não impediu o PSTU de entrar na frente popular.

O argumento de que com Brizola tudo muda não procede. Apenas indica que o PT fortaleceu seus laços com partidos burgueses.

Quando anuncia que chamará o voto no segundo turno em Lula, já não tem importância para o PSTU suas acusações a Brizola (PDT) e Arraes. Como se vê, não se pode exigir coerência do centrismo. E se alguém de boa fé faz tal questionamento, a resposta está na ponta da língua: é uma questão de "tática".

Voto Nulo no programa do Partido Operário Revolucionário!



As eleições no RN

As eleições no RN estão acontecendo sem muita novidade. Mais uma vez, as oligarquias, as duas que há anos governam o Estado, se degladiam pelo poder político.

A que governa atualmente, ligada ao PMDB, tem como cacique o ex-ministro Aluizio Alves. Financiado por grupos empresariais, o seu representante no governo, Garibaldi Alves, é candidato a reeleição. O seu governo foi todo dirigido pela política neoliberal. Privatizou a Coserm (Companhia que fornece energia elétrica). Fechou as secretarias no início do governo. E tem uma política de destruição dos serviços públicos (saúde e educação).

O outro candidato é o senador José Agripino do PFL, ligado à oligarquia Maia, ex-arena e remanescente da ditadura militar. Já foi governador duas vezes. Também, quando esteve no governo, não era diferente do atual. Iniciou a política de destruição dos serviços públicos. Na educação, atacou violentamente os professores, impondo a redução da carga horária, o que resultou em demissão compulsória.

Enfim, essas duas frações da oligarquia são responsáveis diretas pela miséria, fome e desemprego das massas. O estado do RN é um dos de renda mais baixa do Nordeste. Mais de 1 milhão de pessoas vivem na mais completa miséria, recebendo meio salário mínimo. O Estado tem um dos maiores índices de mortalidade infantil, em torno de 40%. Além disso, há um retorno das doenças causadas pela desnutrição e fome, como tuberculose e outras. É sobre essa realidade social que as oligarquias fazem promessas de melhoria.

As candidaturas de esquerda (Frente Popular e do PSTU)

A Frente Popular, que agora mudou de nome, chama-se "movimento pela mudança", não se apresenta como real alternativa às oligarquias. Primeiro, está passando a idéia de

que o problema de nosso Estado resume-se somente a uma má administração dos governantes. Que estes não priorizam o desenvolvimento sócio-econômico do Estado, os serviços públicos e uma política fundiária. Não tocam na questão geral do Plano Real, do desemprego, da exploração e da crise do capitalismo. É como se nada tivesse acontecendo no mundo: queda das Bolsas de Valores, trabalhadores em greve nos EUA etc. Inclusive o fundo musical de sua propaganda política na TV diz: "votar Manu (candidato da Frente) pro céu ficar azul", quer dizer Manu é a solução para o RN.

A candidatura do PSTU também mantém-se numa linha eleitoreira de não denunciar a crise do capitalismo e o mais grave é que passa uma falsa idéia de que é possível governadores socialistas saídos das eleições. Às vezes seus militantes colocam algumas bandeiras radicais como estatização do sistema financeiro, reforma agrária, mas negam a revolução, ou seja, o método insurrecional da classe trabalhadora realizar tais tarefas. Desse modo, passam a ilusão de que é possível realizar algumas reformas dentro do capitalismo, com um governo que saia das urnas, como dizem: "governo dos trabalhadores". Portanto, suas candidaturas estão colocadas para reforçar a democracia burguesa e as ilusões eleitoreiras das massas.

O POR (Partido Operário Revolucionário) iniciou os debates, plenárias com a vanguarda sobre as eleições

O POR tem feito suas discussões sobre as eleições com a vanguarda, esclarecendo tanto nossa política como as posições das correntes de esquerda. trabalhamos pontos importantes para desfazer a confusão existente na vanguarda com relação a nossa posição política nessas eleições:

1) Situamos as eleições dentro do

contexto da crise mundial do capitalismo, crise do modo de produção;

2) As eleições são uma saída da burguesia, predomina o poder econômico;

3) As eleições e as correntes de esquerda (seu eleitorismo);

4) Como intervir nas eleições com uma política revolucionária;

5) Porque não votamos na Frente (PT) e no PSTU;

6) A defesa do voto nulo programático é a defesa da revolução social e do governo operário e camponês.

Foram basicamente esses pontos desenvolvidos na plenária realizada em Ceará-Mirim, no dia 12/9. O debate foi caloroso. Surgiram outras questões, como construir o processo revolucionário. Faremos outras plenárias. A nossa proposta é concluirmos com um comitê pelo voto nulo, com a finalidade de organizar os simpatizantes pelo voto nulo.

Cabe destacar que a plenária realizada sobre as eleições contou com uma intervenção inicial de um militante porista, fazendo homenagem aos 60 anos de fundação da IV Internacional e o que essa data representa atualmente na defesa da construção do Partido Mundial da revolução. Terminou com uma saudação a Leon Trotsky, fundador da IV Internacional.

Nacional



Congresso do SINTE - RN

O IX Congresso do SINTE (Sindicato dos Trabalhadores em Educação do RN) ocorrerá entre 15 e 18 de outubro deste ano, no auditório da ETRN em Natal. O evento terá como tema central "Educação Futuro a ser construído". Discutirá entre outros pontos: Educação x Mercado de Trabalho; Financiamento da Educação;

Conjuntura; Plano de Lutas; Política Sindical e Estatuto do SINTE.

O critério para escolha de delegados se dará na proporção de um delegado para cada 5 trabalhadores em educação, escolhidos por local de trabalho.

A Corrente Proletária já iniciou os debates nas escolas com os delega-

dos e participantes, no sentido de aprofundar a discussão política acerca da tese, como também de todo temário e das outras teses inscritas no Congresso.

O que diz o relatório da OIT sobre o desemprego mundial

Segundo o relatório divulgado pela OIT (Organização Internacional do Trabalho) o desemprego e subemprego atingirão um terço da força de trabalho. Equivale dizer que dos 3 bilhões de trabalhadores do mundo, 150 milhões estarão desempregados até o final de 1998. E que de 25% a 30% estarão subempregados, trabalhando com jornadas parciais. Este montante poderá atingir até 900 milhões.

A OIT mostra que 60 milhões de jovens, na faixa-etária de 15 a 24 anos, não conseguirão entrar no mercado de trabalho. Diz que a crise no Sudeste Asiático (1997) proporcionou

um acréscimo de 10 milhões de desempregados. E, por fim, revela a deterioração dos mercados de trabalho no mundo todo.

Sobre a crise no Sudeste Asiático, o relatório aponta que na Indonésia o contingente de desempregados atingirá de 9% a 12% da força de trabalho, até dezembro de 1998, comparados com os 4% em 1996. Além do desemprego, há também a queda no salário real, que poderá chegar a 15%. Na Tailândia, o índice de desemprego poderá ser de 6% da força de trabalho, comparado com menos e 2% em 1996. Na Coreia do Sul, o subemprego chegou a 10%, portanto mais do que dobrou. Na China, recentemente, 3 milhões e meio de trabalhadores perderam o emprego.

O relatório evidencia o crescimento ascendente do subemprego na Europa Central, Oriental e na Rússia. Neste país, do índice zero de desem-

prego foi para 9% e os salários reais despencaram. Na União Européia, são 18 milhões de trabalhadores desempregados. A Alemanha está com 10,7%; a Espanha com 18,9%; a França e Itália possuem 12% cada um; e a Inglaterra com 6,2%.

Para a América Latina, os dados do relatório mostram que aumentou o emprego na economia informal. No Brasil, passou de 52% em 1990 para 59,3% em 1996, sendo o campeão na criação de empregos nesse setor. Na Argentina, passou-se de 47,5% para 53,6%, atingindo mais da metade de sua força produtiva.

Esses dados mostram o avanço da crise mundial e a via capitalista de descarregar o peso dela sobre a classe trabalhadora. O desemprego massivo é uma das contradições do sistema de exploração do trabalho e expressão da barbárie capitalista.

Rondônia:

II Conferência Estadual de Educação

Nos dias 4 e 5 de setembro realizou-se na cidade de Ji-Paraná a II Conferência Estadual de Educação, promovida pelo SINTERO (Sindicato dos Trabalhadores da Educação do Estado de Rondônia).

A Conferência teve como temática central "Educação e Cidadania". A direção do SINTERO (Articulação) marcou o transcurso da Conferência por uma prática totalmente adaptada aos interesses pró-burgueses. Desde o local da Conferência, auditório da ULBRA (Universidade Luterana do Brasil) até a composição da mesa de abertura, que contou com representantes de instituições oficiais e representantes da burguesia, como o diretor da ULBRA, o porta-voz do prefeito da cidade de Ji-Paraná, o delegado

do MEC, representante da SEDUC (Secretaria da Educação do Estado de Rondônia), foram demonstrações da política de conciliação da direção do SINTERO. Os representantes da burguesia sentaram ao lado do presidente estadual da CUT, do presidente do SINTERO, José Wildes e do representante do sindicato na cidade de Ji-Paraná.

A intervenção dos representantes da burguesia foi a de apologia a prática dos dirigentes do SINTERO. Inclusive o diretor da ULBRA conclamou o sindicato a persistir nesta prática e disse que o ensino público precisa unir-se ao privado. Como se fosse possível conciliar o inconciliável - capital e trabalho.

Uma militante do POR (Partido Operário Revolucionário), presente à Conferência, em todas suas intervenções, rechaçou a conduta dessas direções sindicais. Porém, as intervenções, na maioria das vezes, eram cerceadas: limitavam o tempo e o número de intervenção para cada mesa, no momento em que a militante porista se inscrevia; criavam critérios de improviso, privilegiando as intervenções que estivessem em consonância com as posições dos dirigentes sindicais. Assim, ficou muito claro a verdadeira intenção da

burocracia sindical na realização dessa Conferência. Queria promover os candidatos da Frente popular, advinda das coligações que se formaram no Estado (PT, PV e PCdoB). Trata-se de uma frente eleitoreira, que vem alimentando ilusões nas massas de que os graves problemas da educação e demais problemas sociais poderão ser resolvidos através do parlamento.

Os militantes do POR incomodam os burocratas reformistas pelo fato de chamar atenção e buscar esclarecer aos trabalhadores as ilusões eleitoreiras. Apresentam às entidades de luta (CUT, sindicatos etc), partidos políticos que se reivindicam defensores das reivindicações das massas e demais oprimidos a bandeira de Frente Única Antiimperialista e Anticapitalista, como uma frente de luta, oposta à eleitoreira, capaz de derrubar o plano antinacional e antipopular de FHC.

A construção da Frente Única Antiimperialista é parte da luta pela mudança radical da sociedade, que será alcançada através da aliança operário-camponesa e que construirá a sociedade socialista, destruindo definitivamente a opressão de uma classe (minoría) sobre outra (maioría).



Banco Mundial financia e dita a política educacional no Brasil

O Banco Mundial (Banco Internacional para Reconstrução e Desenvolvimento, BIRD) está financiando quatro projetos educacionais. Segundo o Banco, trata-se de iniciativas que visam aumentar o acesso à educação e melhorar a qualidade do ensino. São eles: "Pró-qualidade", que vem sendo implantado em Minas Gerais; "Inovações do Ensino Básico", a reforma educacional em São Paulo; "Educação Básica", em nove estados do Nordeste; "Qualidade na Educação Básica", no estado do Paraná. Soma a esses projetos mais dois aprovados recentemente: o "Fundescola I, com a finalidade de melhorar a qualidade do ensino básico na região Centro-Oeste e "Operação Reforma em Ciência e Tecnologia", visando atividades de pesquisa.

Já na Conferência Mundial de Educação para Todos (1990), o Banco Mundial traçou as metas da reforma educacional para os países com altos índices de evasão, repetência, analfabetismo e com grande endividamento externo. O governo brasileiro assinou o compromisso de implantar as medidas educacionais traçadas pelo Banco. Assim, fez aprovar a LDB, o Fumdef e a PEC-370 para o ensino superior. Por orientação do Banco, os Estados e municípios devem se responsabilizar com o ensino fundamental, onde o acesso por lei é obrigatório e gratuito. O ensino médio, que não é obrigatório, terá parte de sua carga horária sustentada através de parcerias com a iniciativa privada. E

o superior, que em grande parte está nas mãos de empresas, caminhará para sua total privatização. Portanto, está inteiramente de acordo com as determinações do BIRD.

Segundo Gobind Nankani, diretor do Banco Mundial, a reforma educacional brasileira tem servido de exemplo para outros países. Cita como exemplo de sucesso, a reforma no Estado de Minas Gerais, os programas de treinamentos de professores em São Paulo, a criação do Fumdef e as avaliações educacionais, como o SAEB. Propagandeia-se que a reforma de Minas Gerais quase zerou a repetência escolar, que o Fumdef obriga a municipalização do ensino fundamental, que as avaliações do SAEB têm servido para medir o desempenho dos alunos e professores. Mas qual é o verdadeiro objetivo de tudo isso? A tal da reforma para melhoria tem por meta fechar escolas, demitir professores, aprovar em massa independente da aprendizagem e usar os programas de treinamento de professores paulista (os PECs) para domesticar os educadores com receitas pseudo-pedagógicas.

Para o Banco Mundial, é preciso acabar com o desperdício de dinheiro, já que de cada 100 dólares apenas 5 dólares chegavam às escolas. E que é necessário estabelecer a "racionalidade, a qualidade e eficiência dos recursos". Com os mesmos recursos despendidos, com a mesma quantidade de escolas e ainda com menor quantidade de educadores é

possível atingir o êxito da reforma. Somente o fato do governo passar a privilegiar o ensino fundamental em detrimento do infantil, médio e universitário já seria suficiente, segundo o Banco, para melhorar o ensino. Aplicando o tal do "custo-aluno" (hoje seria de 315 reais anuais por aluno), estaria assegurado o recurso necessário para a pretensa melhoria da qualidade.

A reforma do Banco Mundial, encarnada pelo governo brasileiro, tem com objetivo desobrigar o Estado para com a educação pública e gratuita. O receituário desse organismo credor é cortar gastos com a educação, para que o Estado possa continuar pagando a dívida externa. Ao aceitar as medidas, o Banco oferece empréstimos para setor educacional. Como se vê, a receita do Banco Mundial é parte das diretrizes neoliberais que vêm sendo aplicadas por todo o país: cortar gastos, ampliar as privatizações e submeter o país ainda mais aos interesses das potências imperialistas.

OPCOEPOPE
Educação



Condenação de Antônio Justino é obra do burocrata Felício

O Juiz de Diadema condenou o militante Antônio Justino (Tonhão) tendo por base a denúncia de que este havia ferido a honra e a moral do Sr. Felício, presidente da Associação dos Professores do Estado de São Paulo (Apeoesp). Segundo o burocrata, Tonhão o caluniou, chamando-o de safado, pelego, ladrão, por ocasião de um Congresso da Apeoesp, há dois anos atrás. Está evidente que se trata de uma perseguição política.

A Apeoesp é dirigida pelo PT. Essa gente que tanto fala em democracia para pedir votos aos trabalhadores e que em palavras denuncia a repressão do governo aos movimentos sociais faz o mesmo com seus opositores.

Antônio Justino tem sido um radical militante classista, um opositorista à política e métodos da burocracia petista dirigir o sindicato. O processo movido teve o claro propósito de utilizar a justiça

burguesa sabendo que Tonhão já carregava outras condenações em razão de ter apoiado ativamente os movimentos dos sem-teto de Diadema.

Felício sabia que o Juiz esperava uma chance para ampliar as condenações. E o Juiz encontrou em Felício um aliado contra Antônio Justino. Como se vê, uma aliança político-repressiva oportuna entre o agente da justiça patronal e a burocracia sindical petista.

Essa é a noção de cidadania, de democracia, de justiça etc que povoa o discurso dos dirigentes sindicais reformistas. No fundo, os burocratas sindicais agem como policiais e agentes do Estado burguês no interior dos movimentos.

Certamente, não há surpresa nessa conduta, basta ver que a mesma diretoria da Apeoesp contratou bate-paus para desalojar a oposição do sindicato. A corrompida política da burocracia fatalmen-

te a coloca numa posição oposta à democracia sindical.

O que sim chama a atenção foi a conduta das correntes de esquerda, como PSTU, PCO, O Trabalho etc, que se negaram a defender Antônio Justino. Assim, mostraram-se aliados à burocracia repressiva, por sua convivência

Com a condenação em regime aberto, pretende-se anular a militância desse companheiro de luta. O POR se coloca por fazer uma ampla denúncia de mais um ataque a militantes classistas e de defesa de sua plena liberdade de pensamento, expressão, manifestação e ação.

Governo Garibaldi (PMDB) e a Prefeita Vilma de Faria (PSB/PFL) avançam na destruição da escola pública no RN

A crise na escola pública do RN se torna cada dia mais grave. Apesar de toda propaganda do governo e da prefeita de que investiram na educação em construção de mais escolas, salas de aulas, qualificação e valorização dos professores, a realidade mostra o contrário.

O Estado do RN mantém um grande número de analfabetos na população jovem, chegando nas cidades do interior e na zona rural a níveis de 30% a 40% e também um índice altíssimo de evasão e repetência, principalmente nos turnos noturnos. Tudo isso está ligado diretamente às condições de barbárie social a que está submetida a população pobre do Estado. Os indicadores sociais do próprio governo, apontam miséria absoluta, mais de 1 milhão de pessoas sobrevivendo com até meio salário mínimo. Esta situação de miséria das massas reflete na frequência dos alunos a escola e no processo de ensino-aprendizagem.

O governo Garibaldi (PMDB), candidato a reeleição, está implementando a municipalização do ensino, através do Fumdef. Não abriu concurso público e contratou provisoriamente professores e funcionários de escolas. Nas escolas de 2ª grau há déficit muito grande de professores, mesmo assim incluiu a categoria no PRODEVIR (Programa de desligamento voluntário). Foi envolvido em um dos maiores escândalos, que ficou conhe-

cido como o "Escândalo da Merenda Escolar", onde a Secretaria da Educação pegou adiantado em torno de 1 milhão de reais pelo fornecimento da merenda, sem que as escolas tivessem recebido. Na época, foi instalada uma CPI na Assembléia Legislativa que teve o mesmo final dos discursos das CPIs instaladas no país da corrupção, ou seja, acabou em "pizza" e o dono da empresa, a Baobá, foi localizado meses atrás em Miami (EUA). As crianças e a comunidade escolar foram lesadas.

Os salários dos professores e funcionários de escolas continuam os mesmos, apenas foram acrescidos os abonos e, este ano, a gratificação especial, advinda dos recursos, segundo o governo, do Fumdef. Veja o quadro abaixo:

salário-base

ASG (funcionários)	9,00 + abono
Professor com 2º grau	40,00 + abono + gratificação
Professor Lic.Plena	96,00 + abono + gratificação

Um ASG recebe um salário mínimo de 130 reais. O professor de 1º grau, somando tudo, chega a perceber em torno de 360 reais, e o professor licenciado (graduação) também com os acréscimos (abono+gratificação), tem como vencimento no máximo R\$ 550,00. Como vemos, é um salário de fome e retrata a miséria salarial do nordeste, onde os salários pagos são menores, particularmente no RN.

Na rede municipal, a situação não é muito diferente. Apesar de ser menor o número de professores, em torno de 2500, atendendo a um número de alunos matriculados em torno de 40.000, distribuídos entre 52 escolas em Natal. A situação dos professores e funcionários é caótica. Há 4 anos estão com os salários congelados. A prefeitura não concedeu nenhum centavo de reajuste salarial, continuam os mesmos de 1994.

Além disso, em junho do ano passado, a prefeita Vilma (PSB-PFL) enviou à Câmara Municipal o seu projeto de PCCS, no qual se condensava um brutal ataque às conquistas dos professores. Foi aprovado, entre a retirada de outras conquistas, o acesso vertical (promoção automática), que acabou com a carreira do

magistério, uma importante conquista de muitos anos. Também retirou a redução progressiva da carga horária, caracterizada em aumento da jornada de trabalho e, por último (agosto), retirou os vales-transportes de todos os professores.

A direção do SINTE traiu a luta da categoria, se adaptou às reformas do governo e da Prefeita

Essa derrota toda, expressa na situação de salários miseráveis dos professores do Estado e do Município e no ataque às suas conquistas sociais, teve a colaboração da direção burocrática e traidora do SINTE, com sua política reformista de colaboração de classes e auxiliada pelos estalinistas do PCdoB, que se identificam como CSC. Juntas, essas correntes políticas desmobilizaram e bloquearam toda luta que poderia ter acontecido contra essa política de congelamento salarial da prefeita e a proposta de miséria salarial do governo Garibaldi, que acrescentou mais um abono nos salários.

No município, os professores chegaram a votar um indicativo de greve, mas a direção desmobilizou e defendeu o contrário na assembléia seguinte, argumentando não haver correlação de forças suficiente, que é preciso organizar movimentos, que a greve não era educativa. Resultado: nem aos movimentos, segundo eles chamaram, convocados para a SME os professores compareceram, desacreditados da política traidora da direção, que atualmente só vislumbra as eleições burguesas. Uma parte da categoria já começa a perceber essa política eleitoreira da direção do Sinte (PT/Articulação e CSC). Já se comenta nas escolas que os mesmos (direção) só se preocupam com a reeleição da Deputada Estadual pelo PT, Fátima Bezerra e a eleição dos demais candidatos da Frente.

A Corrente Proletária convoca os trabalhadores a organizarem a luta exigindo da direção do Sinte uma assembléia geral e um plano de luta que ponha fim a esses planos dos governos. Também chamamos a atenção de toda a categoria para a necessidade de se construir uma direção revolucionária para nosso sindicato, pois, como vimos, esta direção se mostrou incapaz politicamente de organizar



uma luta contra os governos. E não convocará, nem organizará a greve, pelas nossas reivindicações mais urgentes, se caracterizando numa direção que abandonou a luta e a mobilização da classe trabalhadora. A mesma só aspira ao

Parlamento, governo do Estado, Câmara dos Vereadores. Seus planos vão todos nesse sentido, por isso transformaram o sindicato em trampolim eleitoral e correia de transmissão da política dos governos no seio do movimento.

Portanto, nós militantes da Corrente Proletária defendemos a luta para pôr abaixo os planos neoliberais dos governos, como também pôr abaixo essa direção conciliadora, que não atende aos interesses da classe.

Obras Completas de Guillermo Lora

Iniciamos no último Massas a publicação de um breve resumo dos principais temas de cada volume das Obras Completas do dirigente do Partido Operário Revolucionário. Já foram publicados 33 volumes, o que constitui um tremendo esforço para reunir um vasto material político e programático do trotskismo na Bolívia. Trata-se de um trabalho genuinamente internacionalista. Todos os problemas significativos tratados nas Obras dizem respeito ao proletariado internacional, por mais particulares que pareçam à luta revolucionária na Bolívia. Neste Massas, traremos o resumo dos tomos 6 a 8.

Volume VI (1956-1957)

Neste Tomo é analisado como o MNR caminhou cada vez mais à direita, principalmente quando se uniu num Bloco com a fascista Falange Socialista Boliviana. A posição do

trotskismo frente ao nacionalismo burguês do MNR é fundamental para se compreender a fortaleza do programa do POR e de sua política. Também é mostrada a continuidade da luta interna contra os pablistas.

Volume VII (1957-1958)

No volume VII é mostrada a luta dos poristas contra os planos do presidente movimentista Siles e do Bloco MNR/FSB e a crítica da impotência das esquerdas. Mostra também como o proletariado (principalmente o mineiro) vai se estruturando até um novo salto político, primeiro no ampliado fabril de fevereiro de 58, depois nas Teses de Colquiri (aprovadas no nono congresso mineiro, 07/06/58) que retomam a essência das Teses de Pulacayo e que se colocam contra o nacionalismo (MNR). Vale a pena ler neste volume a palestra de Lora para uma escola de quadros sobre a I In-

ternacional.

Volume VIII (1958-1959)

Os artigos deste tomo iniciam mostrando que o ascenso demonstrado no volume anterior continua com as ondas grevistas, a conferência mineira de Catavi (novembro de 58), o ampliado mineiro de fevereiro de 59, a conferência mineira de Oruro (março de 59) e no estalo da grande greve mineira (início de 59) e na prisão de Lora nesta época.

Neste tomo se encontra reproduzido o folheto "O Que É e o Que Quer o POR" uma síntese programática do Partido Revolucionário.

Internacional



Viva a Quarta Internacional, Partido Mundial da Revolução Socialista!

**A Tarefa Fundamental do Momento
Consiste em por em pé a Quarta
Internacional e fortalecê-la graças ao
trabalho realizado no seio das massas.**

A Fundação da Quarta Internacional

Em 03 de Setembro de 1938 - fazem sessenta anos- se fundou a Quarta Internacional, em um congresso realizado em Paris. Trotsky, asilado no México, não pode assistir pessoalmente, porém esteve presente através de seu projeto do Programa de Transição.

Foi necessário vencer a resistência de muitos opositoristas, entre eles I. Deutscher, que se manifesta desde 1936. O argumento dos adversários da fundação era de que a Oposição de Esquerda (Liga Comunista Internacional) não entroncava a nenhum movimento de massas nem em uma revolução. Trotsky atuou partindo da

certeza de que a II guerra mundial estava na porta e que a revolução que a seguia precisava de uma férrea direção. Acima de tudo as massas precisavam de uma férrea referência revolucionária.

Ao congresso de fundação da IV INTERNACIONAL assistiu o latinoamericano Lebrun (Mario Pedrosa), que cumpriu funções no seio da equipe dirigente da nova Internacional.

O stalinismo que dirigiu a esse imenso país que foi a URSS e cuja política pró-burguesa não foi de todo e oportunamente posta a nu, combateu a fundo a flamante Internacional e dizimou sua fileira usando o crime encarnado no Estado Operário degenerado.

Uma das falhas do trotskismo foi sempre sua debilidade organizativa. Por estranho que pareça, não chegou a penetrar no seio das massas. Trata-se da evidência de que os trotskistas

não contaram com o programa para a revolução em seu próprio país, isto porque não o conheciam, não conseguiram revelar as leis de desenvolvimento e transformação na sociedade em que viviam.

Nós trotskistas bolivianos contribuimos para transformar a classe operária e estudamos profundamente a realidade social em cujo seio atuamos. Lamentavelmente a Internacional não soube aproveitar este trabalho.

(extraído do Massas boliviano nº 1632)

Sobre a situação política internacional

Prosseguimos com o texto de Atílio de Castro, iniciado no Massas 156.

A maior crise dos últimos 50 anos

O capitalismo do pós-guerra, a partir dos anos 60, passou por várias conjunturas de crise. Agora, já se reconhece nos atuais acontecimentos econômico-financeiros que se trata da maior crise dos últimos 50 anos. O governo da principal potência imperialista, representada por Bill Clinton, faz taxativamente esse reconhecimento. "Este é o maior desafio financeiro com que o mundo se confronta em meio século" - discurso do presidente dos Estados Unidos perante o Conselho de Relações Exteriores, em Nova York.

O alerta ocorreu logo após a Malásia tomar medidas protecionistas, a Rússia decretar uma moratória parcial de sua dívida, o Brasil apontar o caminho de sua quebra e as Bolsas de Valores sofrerem bruscas oscilações no mundo todo. Mas a avaliação do governo norte-americano reflete o que ainda está por vir.

A força desintegradora da crise emergirá nas fronteiras das potências. Nestas, somente no Japão os componentes da crise comparecerem com toda evidência. Entretanto, as tendências subterrâneas da desintegração mundial forçam passagem e começam a se tornar transparentes nos demais centros capitalistas. Tudo indica que logo mais os Estados Unidos despontarão como carro-chefe do desmoronamento internacional. O epicentro da crise são os Estados Unidos.

Isso não quer dizer tirar a importância da debacle japonesa ou mesmo das que estão por vir na Europa Ocidental. A metrópole norte-americana pôde exibir um considerável desempenho na última década às custas do restante do mundo, a ponto de sustentar um crescimento gigantesco do capital financeiro parasitário. Reconhece-se que os valores fictícios expressos em Wall Street estão no ponto mais alto da cadeia especulativa mundial.

Essa posição não poderá ser mantida sob as condições da crise de superprodução, da queda das taxas de lucro e dos tremendos desequilíbrios cambiais. O esgotamento do mercado mundial e o retrocesso que já se vislumbra no horizonte golpeiam a escalada do capital parasitário e começam a desmoroná-lo por toda a parte. Eis um dado significativo desse processo: "O declínio assustador dos preços das ações acabou com quase 4 trilhões de riqueza financeira mundial nos últimos dois meses - o equivalente ao PIB do Japão" (The Economist, Gazeta Mercantil 8/9/98).

Sem dúvida, tal magnitude ainda não atingiu o seu ápice. Este virá com a queda violenta em Wall Street. Têm fundamento as previsões desesperadoras dos economistas burgueses, que até ontem se encantavam

com a fortaleza da tal da globalização, de que a atual crise sistêmica poderá ultrapassar os impactos da crise de 1929/30.

A preocupação do governo norte-americano com os reflexos das quebras nos países semicoloniais e sobretudo frente à resistente recessão japonesa aumenta mais e mais na medida em que seu mercado interno perde o dinamismo e o mercado externo sofre restrições. Sabe-se que a crise japonesa não resulta de simples particularidades internas. Sua recessão expressa uma tendência mundial.

E a exposição do fim de um ciclo especulativo do capital financeiro, que se mostra à beira de uma grande quebra, também não é uma especificidade da economia imperialista nipônica. A evolução interligada das crises nacionais não faz senão mostrar sua raiz internacional. Sem dúvida, o tronco desta raiz são os Estados Unidos.

A Europa, que até recentemente prometia uma retomada econômica, se depara com os efeitos das quebras no Sudeste Asiático e na Europa Oriental, sobretudo na Rússia. A manutenção da recessão japonesa e o arrefecimento na Europa empurrarão mais fortemente ainda a economia mundial para trás. A queda no índice de crescimento dos Estados Unidos se encarregará de impulsionar o retrocesso.

Estima-se que o crescimento médio de 4%, entre 1996 e 1997, despencará para 1,5% em 1998, e que no ano seguinte não ultrapassará 1,7% (previsão do Banco J.P.Morgan). Essa é a melhor das hipóteses. A pior seria: "Se, ao contrário - como prevêem alguns pessimistas - a Ásia não conseguir se recuperar e os Estados Unidos mergulharem na recessão, a produção global poderá declinar no próximo ano, pela primeira vez em 60 anos" (The Economist).

Embora se considere tal possibilidade como resultado de análise pessimista, os analistas burgueses mais otimistas não se arriscam dizer que tal pessimismo não tem base material. Os otimistas previam que a crise no Sudeste Asiático seria rapidamente contornada, frente à intervenção do FMI e a aplicação de planos de recuperação. Mas o fato é que se tem como certa uma queda de 15% do PIB na Tailândia e 7% na Coreia do Sul.

A falência da Rússia logo desencadeou novas ondas de crise, embora tenha pequena inserção na economia mundial (2%). O problema é que a medida de suspensão do pagamento de parte da dívida atinge capitais europeus, reforçando os perigos de quebras na Alemanha etc.

A repercussão imediatamente atingiu o Brasil. A fuga maciça de mais de 20 bilhões de dólares em curto espaço de tempo colocou o país à beira do precipício. E de uma previsão de crescimento de 4%, o governo estima apenas metade desse índice e alguns bancos do imperialismo trabalham com indicador de 1,5% para baixo. A possibilidade de uma violenta quebra no Brasil, que pode ser mais contundente que a do México em 1995, implicará em uma convulsão latino-americana, dado o seu peso econômico no continente.

Os Estados Unidos já se ressentiram da recessão e das desvalorizações cambiais na Ásia. No início da crise, a estimativa era de que os interesses norte-americanos não seriam tão afetados quanto os dos japoneses. Mas logo se viu que não era bem assim.

O problema agora se agrava com a crise desmoronando a economia latino-americana, cuja importância para os



Estados Unidos é estratégica. Se o Brasil crescer 2%, a América Latina atingirá apenas 0,8%, segundo os cálculos do J.P.Morgan.

Um dos efeitos da crise asiática e russa assinalados é o da queda dos preços das matérias-primas. "O índice dos preços das mercadorias para todos os itens elaborados por The Economist caiu 30% desde meados de 1977, para sua maior baixa em termos reais em mais de 25 anos. Os preços das commodities industriais agora estão em sua maior baixa em termos reais desde a década de 30" (Gazeta Mercantil, 8/9).

Os países semicoloniais, que são seus produtores, como Venezuela, Chile, África do Sul etc, estão sendo duramente golpeados por esse fenômeno. O que implica avançar o processo de quebras. A capacidade de pagamento da portentosa dívida externa e as medidas pró-imperialistas draconianas destes países são abaladas por essa desvalorização.

Frente a esse quadro, o capital financeiro se retira maciçamente e a parcela que permanece exige recompensas que sacrificam irremediavelmente as finanças dos países latino-americanos e de outras latitudes. A marcha desses acontecimentos alimentará as contradições do capitalismo na maior potência, os Estados Unidos.

As margens de manobras para retardar e arrefecer os impactos da crise emergentes nesta ou naquela

região vêm se reduzindo, a ponto de neutralizar significativamente a capacidade intervencionista de organismos imperialistas, como o FMI, BIRD e outros. Por enquanto a crise vem consumindo os excessos de capital fictício, mas logo atingirá mais amplamente a base produtiva mundial.

"Se a crise nos países emergentes se agravar, e o Fundo ficar sem dinheiro; se o Japão continuar adiando seus projetos de salvamento de seu sistema bancário; se Wall Street despencar, mas o Fed se recusar a baixar as taxas de juros, se o Banco Central Europeu elevar as taxas de juros simplesmente para estabelecer suas credenciais anti-inflacionárias; se tudo isso acontecer, as coisas ficarão realmente negras para a economia mundial". (The Economist). Essa passagem indica muito bem as tremendas incertezas dos meios e métodos da economia política burguesa para enfrentar uma crise que não é de ordem conjuntural, mas sim estrutural.

O que temos visto é os governos procurando mecanismos e soluções, mas que logo são neutralizados e ultrapassados pela manifestação da contradição entre as forças produtivas e as relações capitalistas de produção. A classe operária e demais explorados não podem guardar nenhuma ilusão na propaganda capitalista de possíveis soluções. Junto a elas vem a política de sacrifício da vida das massas.

O fundamental para nosso entendimento é que a crise capitalista se converte em barbárie social. O desemprego já ganhou proporções insuportáveis. O relatório da OIT indica que até o final de 1988 estarão desempregados 150 milhões de trabalhadores e possivelmente subempregados mais de 750 milhões. Não é preciso mais do que isso para se identificar o estado de barbárie já existente.

O seu enfrentamento a tamanha opressão se dará pela luta de classes. Todo e qualquer programa burguês com pretensas soluções da crise, seja neoliberal seja reformista, deve ser rejeitado. O proletariado tem seu programa e sua política, que conduzirão a soluções reais através da revolução social. Somente com os métodos da revolução proletária os explorados poderão resistir à fome e miséria. Poderão tirar proveito da crise estrutural do capitalismo para avançar sua organização revolucionária.

Internacional



O POR comemora os 60 da IV Internacional

No dia 20 de setembro, o POR realizou uma palestra sobre o sexagésimo aniversário da IV Internacional. Inicialmente houve uma exposição sobre a história da formação Oposição de Esquerda na União Soviética, depois a constituição da Oposição Internacional de Esquerda e finalmente a fundação da IV Internacional em setembro de 1938. Neste trajeto, foram assinalados os principais pontos de divergência irreconciliável entre as posições nacional-socialista de Stálin e a do internacionalismo de Trotsky.

Baseado nos escritos de Trotsky, o expositor analisou as raízes sociais do stalinismo e demonstrou o porquê da derrota da Oposição de Esquerda. Na longa luta entre a fração majoritária stalinista e a minoritária trotskista, as previsões de Trotsky de que o nacional-socialismo (tese do socialismo em um só país e política de convivência pacífica com o imperialismo) e a quebra da democracia operária enfraqueceriam o Estado soviético

frente ao capitalismo e conduziram à restauração burguesa se mostraram totalmente corretas.

A IV Internacional, com seu Programa de Transição, se levantou como a mais sólida bandeira da revolução mundial, de combate às pressões restauracionistas e de enfrentamento à barbárie capitalista. Depois da morte de Trotsky, os responsáveis por sua continuidade mostraram insuficiente assimilação do Programa e incapazes de realizar um trabalho sistemático e paciente de organização do proletariado nas condições concretas de cada país.

Sob o peso do aparato stalinista, ainda poderoso e reforçado no pós-guerra, os herdeiros da IV se mostram impotentes e logo capitularam, tendo a frente o revisionista Michel Pablo. As divisões e subdivisões nos pequenos grupos se encarregariam de dissolver a IV Internacional. Porém, seu Programa de Transição não só sobreviveu às intempéries como desponta

como principal arma do proletariado nestes tempos de crises, guerras e revoluções.

No debate, analisou-se o lugar do POR boliviano frente à desagregação e apodrecimento revisionista dos grupos que se autointitulam trotskistas e à tarefa de reconstruir a IV Internacional. Verificamos por sua história de mais de 60 anos de existência, por seu programa de transição aplicado às condições da Bolívia e por seus exemplos práticos de combate que foi a única corrente do trotskismo que alcançou importante influência sobre o proletariado e que resistiu às pressões do

stalinismo.

A estratégia da ditadura do proletariado e o método insurrecional desde sempre temperaram a organização e atuação do POR boliviano na luta de classes. Ao contrário do que tem feito as correntes ditas trotskistas, que fizeram da estratégia revolucionária do marxismo uma formalidade.

Nesse quadro de discussão, o debate adentrou na tarefa de reconstruir a IV Internacional. O Comitê de

Enlace pela Reconstrução da IV I. deve levar adiante essa tarefa tendo por base o Programa de Transição e sua aplicação nas condições particulares de cada país. Rechaçamos as imposturas centristas de aglutinar todas as correntes ditas trotskistas num mesmo quadro organizativo sem que seja o resultado de profunda autocritica de suas posições revisionistas e sem que estejam sob o Programa de Transição. Ou seja sob estratégia da revolução e ditadura proletárias.

Lembramos que no Brasil nenhuma das correntes trotskistas se lem-

brou de comemorar os 60 Anos como uma atividade programática. A exceção do POR, todas estavam e estão imersas no eleitoralismo.

No final do debate, os presentes fizeram uma saudação revolucionária à obra de Leon Trotsky e de seus companheiros mais próximos, alguns deles assassinados a mando de Stálin. Trata-se da mais profunda convicção de que a tarefa de construir o Partido Mundial da Revolução Proletária está na ordem do dia.



Polêmica:

Debate sobre a IV Internacional no Espaço Cultural Florestam Fernandes

A iniciativa do Espaço Cultural Florestam Fernandes, de Guarulhos, em promover um debate sobre os 60 Anos da IV Internacional foi muito importante, considerando que nem mesmo as correntes que se reivindicam do trotskismo mostraram interesse. A atividade contou com a participação ativa do POR, que fez todo empenho de propaganda e de convocação. Compareceram para a discussão Erson Martins de Oliveira, pelo POR, Euclides Agrela pelo PSTU e Osvaldo Coggiola pelo PO argentino.

Coggiola iniciou a exposição dizendo que não pretendia historiar a IV e que está escrevendo um livro sobre o assunto, que provavelmente terá umas oitocentas páginas. E que já tinha muita coisa publicada, gravada etc. O seu objetivo era expor a posição de PO que está chamando à "refundação da IV Internacional".

Depois de uma série de considerações sobre as perseguições sofridas por Trotsky e sobre as difíceis condições de fundação da IV, adentrou para a atualidade da crise capitalista e para a necessidade de refundação. Mas o importante para debate foram suas considerações sobre o resultado de uma reunião internacional que culminou com um documento pela Refundação da IV Internacional.

Explicou que PO está convocando todas as correntes para tal tarefa, não importando se são sectárias, oportunistas, revisionistas etc. Basta que estejam

pela Refundação da IV. A questão do programa será resolvida no processo, no interior do qual PO defenderá uma proposta. Chamou a atenção para o exemplo de Trotsky na formação da IV, que chegou a convidar o POUM para a Conferência.

No debate, foi ao extremo, para defender a tese da Refundação com todas as correntes, de afirmar que se houvesse um outro Programa contrário ao Programa de Transição e que se Trotsky ficasse em minoria acataria a decisão. Não deixou de dizer que o Programa de Transição, escrito há 60 anos, requeria atualizações.

O representante do POR procurou expor as divergências programáticas e táticas de Trotsky com Stálin desde a formação da Oposição de Esquerda Soviética, bem como sobre a política econômica do stalinismo e sobre as questões organizativas envolvendo a democracia operária. Enfatizou a vigência do Programa de Transição, ou seja, a estratégia da revolução e ditadura proletárias.

Rechaçou a posição de PO sobre a Refundação, explicando que o Partido Mundial da Revolução Socialista não será construído através da junção de grupos das mais diversas procedências e que tenham profundas divergências com o Programa de Transição. Recorreu à história das Internacionais, principalmente da III e da IV, para mostrar as diferenças de situações em que foram edificadas, e o método marxista da diferenciação pro-

gramática. A aglutinação de correntes díspares para "refundar a IV" se dá sob o método alheio ao leninismo. A hipótese de Coggiola que Trotsky admitiria fundar a IV Internacional com um programa que não fosse o Programa de Transição não passava de um "chute", de uma especulação sem nenhum fundamento.

O representante do PSTU, por sua vez, iniciou suas colocações com a crise que atravessa a Rússia, para assim mostrar que Trotsky teve razão. Depois de alongar-se sobre a crise, concluiu pela necessidade da IV. Criticou a "refundação" por considerar uma posição federativa.

Frente à crítica do POR de que o PSTU não se organiza sob o Programa de Transição, ou seja, sob o método e a estratégia da revolução e ditadura proletárias, Euclides Agrela respondeu que o POR tem uma posição sectária, pois faz da ditadura proletária uma bandeira do dia a dia e que esta é uma síntese do programa.

O POR mostrou que seu candidato à presidência da República do PSTU, José Maria, tinha acabado de se negar a defender a ditadura do proletariado frente a uma das perguntas do entrevistador Juca Kfourri. E que isso não era por acaso. Coggiola evitou ou não deu importância a este ponto da discussão.

Para finalizar, o Espaço Florestam Fernandes convocou os presentes a cantar o hino da Internacional.

60 anos da Quarta Internacional setembro de 1938 / setembro de 1998

A IV Internacional vive no Programa de Transição

No dia 3 de setembro de 1938, em Périgny, uma pequena localidade próxima de Paris, realizou-se a Conferência de fundação da IV Internacional. A crise geral do capitalismo vinha progredindo desde o crash de 1929/30. Já em 38, o nazi-fascismo se mostrava consolidado como uma das tendências da burguesia mundial, tendo à frente a poderosa Alemanha.

Em janeiro de 1933, Hitler havia sido designado chanceler, logo constituindo um governo de coalizão nacional e indicando o fortalecimento do nazismo. O que significava a potenciação de objetivos bélicos dos capitalistas como expressão da crise histórica do capitalismo na época imperialista.

A política de Stálin, refratária a constituir uma frente única com a social-democracia alemã contra o nazismo, levou Trotsky e seus partidários a que chegassem à conclusão definitiva de que a III Internacional havia se degenerado totalmente sob a orientação da burocracia stalinista. Esta deixava de organizar a luta contra a ascensão de Hitler.

Até então, a Oposição Internacional de Esquerda se reivindicava fração da III Internacional, tendo por objetivo derrotar a tendência hegemônica liderada por Stálin. Porém, a negação da frente única na Alemanha expressou fundo os desvios da burocracia stalinista, cujo resultado foi a prostração política diante do grande capital.

Tratava-se de uma consequência da revisão operada por Stálin no programa do Partido Bolchevique, liderado por Lênin, e da destruição dos princípios organizativos do partido marxista. Quanto à revisão programática, Stálin passou a negar o internacionalismo proletário, substituindo-o pela noção nacional-socialista de "socialismo em um só país" e pela política de convivência pacífica com o imperialismo. Quanto ao regime partidário, implantou o centralismo burocrático no lugar do centralismo democrático.

Leon Trotsky organizará desde 1923, com a Oposição de Esquerda,

a resistência à política do "socialismo em um só país", caracterizando-a com uma porta para a restauração capitalista. Em seus escritos iniciais, reunidos sob o nome de "Novo Curso", Trotsky apresentará uma via de desenvolvimento econômico e uma estratégia de enfrentamento às tendências de restauração capitalista (contra-revolução) internas e externas completamente opostas às de Stálin.

A partir desse choque, a burocracia estalinista irá preparar as condições para expurgos, armará os conhecidos Processos de Moscou (1936/38), desfechará o terror burocrático-policial com prisões e assassinatos dos opositores. Trotsky será perseguido sem trégua, até seu assassinato em 20 de agosto de 1940, dois anos depois da fundação da IV Internacional e, portanto, 58 anos atrás. O empenho de Stálin em destruir fisicamente Trotsky e seus companheiros não foi resultado de uma mente insana, como pretende-se passar, mas sim a consequência do choque de classe no interior do Estado Operário.

A evolução da burocracia stalinista rumo à restauração capitalista na União Soviética e os atuais acontecimentos capitalistas na ex-União Soviética comprovaram as teses de Trotsky e da IV Internacional. Em 1943, em situação de guerra, o Comitê Executivo da III Internacional irá dissolvê-la, atendendo às pressões das potências imperialistas. Stálin explicará que a dissolução da Internacional é uma demonstração de que não se pretende bolchevizar os países aliados contra Hitler e que facilitaria a união das forças progressistas pela paz. A capitulação da burocracia stalinista frente ao imperialismo chega a seu ponto mais alto. A previsão de Trotsky de que Stálin destruiria a Internacional se confirmou logo que o capitalismo entrou na mais convulsiva crise, resultando na Segunda Guerra Mundial.

O primeiro passo para sua liquidação foi dado com a revisão do programa e da linha política dos Quatro Primeiros Congressos da III Interna-

cional (1919, 1920, 1921 e 1922); o segundo consistiu traçar a política e a tática erradas para o movimento internacional; e o terceiro se deu ao submetê-la a uma das frações do imperialismo, considerado democrático. Como se vê, a Quarta Internacional nasceu como resultado da destruição do internacionalismo proletário pela reação estalinista e pela necessidade de dar continuidade às posições dos Quatro Primeiros Congressos.

O empenho de Trotsky em construir um novo Partido Mundial da Revolução Socialista, pois isto foi a III Internacional da época de Lênin, continua em pé. Para isso, o revolucionário temperado pelo período de guerras e revoluções nos deixou como legado o Programa de Transição, que tem por subtítulo "A agonia mortal do capitalismo e as tarefas da IV Internacional". Diante da monumental crise em que o mundo capitalista está metido e da barbárie social claramente exposta pelo regime de exploração do trabalho e opressão nacional, o Programa de Transição comparece como a real resposta histórica, enquanto que o estalinismo se espelha no desmoronamento da Rússia e na miséria do proletariado mundial.

Viva a IV Internacional!

Internacional



Espanha: Trabalhar mata

Na Espanha, com uma cifra de mais de 20% de seus trabalhadores em situação de desemprego, que a converte no país que encabeça essa situação da União Européia, paradoxalmente trabalhar comporta um alto risco para aqueles que o fazem.

Segundo um estudo apresentado recentemente pelo sindicato Comissões Operárias, no período que vai de 1990 a 1997, a cifra de acidentes de trabalho supera os 5 milhões, dos quais 92.420 foram caracterizados como "graves", incluindo 9.220 mortos aos quais se teria de somar outros 3.200 falecidos ao ir e vir do trabalho. Há 4 mortos por dia e 14 acidentes

por cada 100.000 trabalhadores, em média nesse último aspecto na União Européia de 5.

Enquanto no período citado as jornadas trabalhistas perdidas por greve chegavam a 86 milhões, as perdas por acidentes trabalhistas superaram os 130 milhões. Em termos econômicos calcula-se que as perdas ocasionadas por esses acidentes se elevaram a 19,2 bilhões de pesetas, o que em termos comparativos engloba juntos os orçamentos do Estado em educação, moradia, infraestrutura e investigação.

As 120.000 atas de infração levantadas aos empresários por descumprimentos da legislação em matéria de segurança trabalhista atingiram multas de 40 bilhões de pesetas... que não se cobraram porque a administração as deixou prescrever. O número de fiscais que a administração dedica a essa tarefa de controle é de 1 para cada 27.000

trabalhadores, enquanto na Europa é de 1 para cada 7.000.

Os acidentes trabalhistas têm disparado ano após ano, coincidindo paralelamente com a deterioração das condições dos trabalhadores: aumento do desemprego, diminuição de salários, perda de direitos legais, jornadas abusivas e incremento sem medidas do trabalho temporário, no qual também se ocupa o primeiro lugar europeu. Não é casualidade que o maior número de acidentes se dê em setores como o da construção, setor no qual também se dá o maior número de trabalhadores temporários: somente 1 de cada 20 trabalhadores tem contrato fixo.

O capitalismo, mergulhado em sua agonia, tenta superá-la com métodos cada vez mais bárbaros e leva a exploração até suas últimas conseqüências. A essa regra tampouco escapam os países desenvolvidos.

Internacional

Na China a Restauração Capitalista se Chama "Economia de Mercado Socialista"

(Para esta nota usamos como referência o artigo de Wang Hui sobre o tema)

Na China como na Rússia o cenário é da restauração capitalista, isto por obra do estalinismo e com efeitos contraditórios. A Rússia atravessa uma espantosa crise econômica que se traduz em instabilidade política, porém na China registra 9,8 por cento de crescimento anual de sua economia. A ditadura de ferro imposta pelo que resta da burocracia estalinista contrarrevolucionária é um dos fatores que facilita o avanço da restauração capitalista.

Foi em 1992, ano que se realizou o XIV Congresso do Partido Comunista da China que se lançou a expressão "economia de mercado socialista" para encobrir a restauração capitalista. Não são poucos que perguntam: como pode coexistir agora o socialismo com a livre economia de mercado? Os estalinistas sustentam que a resposta se encontra em abundância em todos os

artigos, em grande quantidade de produtores independentes, nas crescentes inversões do capital financeiro, que importa o avanço da tecnologia e o volume da produção.

Não diz que essa "economia de mercado socialista" põe em evidência o avanço do capitalismo no país, mas que "a prática mostra que a economia de mercado socialista corresponde às condições da China, e que impulsionou um rápido desenvolvimento da economia do país. A transformação econômica da China se inicia com a abertura e reforma lançadas em dezembro de 1978".

Temos que sublinhar um elemento: o crescimento do capitalismo leva a debilidade e a morte do socialismo.

Os produtores de automóveis assinalaram a essência do problema "A competição nos obrigou a aplicarmos em nossos produtos idéias passadas de modo a desenvolver novos tipos de caminhões e carros segundo a demanda de mercado".

O testemunho de Wang Hui

"Na atualidade, o mecanismo de mercado está em uma posição de domínio em toda nação na maioria dos setores, com exceção das indústrias consideradas de importância estratégica, como telecomunicações, defesa, transporte e energia". Podemos analisar que já cairão como forma de superar as dificuldades internas, como nos vem ensinando a experiência da China".

Mas adiante lemos:

"Segundo as estatísticas oficiais, os preços de 85% dos bens de capital e de 95% dos artigos de consumo estão regu-

lados pelo mercado. O número de artigos de consumo e bens de capital sob o controle estatal caiu de mais de mil há cinco anos atrás para trinta agora."

"90% do volume econômico do país está regulado agora pelo mercado. O ex-ministro do comércio interior informou que no ano passado a demanda e a oferta de 75% de todas as mercadorias no mercado chinês eram equilibradas e que a oferta excede a demanda no restante dos 25%. Não existia escassez de oferta..."

"A inversão estrangeira estimula também a transição para o mercado. Nos últimos cinco anos, a China utilizou 249.100 milhões de dólares de capitais estrangeiros, o que criou umas 17,5 milhões de oportunidades de emprego, segundo o Ministério de Comércio Exterior e Cooperação Econômica."

"As cifras poderiam deixar uma impressão profunda aos economistas, porém se vocês quiserem avaliar realmente como o poder do fator exterior fomentou o desenvolvimento da próspera economia de mercado socialista da China, devem ver a margem leste do rio Huangpu em Shanghai, onde está em plena construção a Zona de Desenvolvimento de PuDong. Um observador estimou que nesta zona há mais andaimes que alcançam o céu que em qualquer outro lugar...". No entanto não devemos nos esquecer da extrema miséria de grande parte da população chinesa.

(extraído do Massas boliviano nº 1633)

